



CORAÇÕES MALDITOS

ANGELO DE CASTRO

COLEÇÃO OBRAS COMPLETAS

joãoangelodecastrogonçalves 052.362.687/88 - 50.094.592-2

joaoangelodecastro73@gmail.com

Vitória. Esp. Santo 21 de Setembro, 2023

Edição do Autor-Editora Estrel@

/ Câmara Brasileira do Livro

Literatura brasileira.

Corações Malditos,

romances

Este livro não pode ser reproduzido parcial nem integralmente sem a permissão de seu autor.

Sobre o autor:

Quem é Angelo de Castro? É um escritor capixaba, apaixonado pelas Letras que, conforme ele próprio declara nas páginas que se seguem, sentiu o pulsar de sua veia literária, ainda menino, em inocentes brincadeiras, ainda no lar de seus pais, com os seus irmãos.

Essa paixão pela arte escrita, tem levado esse autor, fruto da nossa terra, a constantes produções, semelhante o nascer do dia e o cair da tarde. Tamanha dedicação, tem lhe gerado um acervo literário com mais de cem obras publicadas.

De uma simplicidade, próprias dos que carregam a sabedoria que é revela em seus escritos, não é difícil encontrá-lo na Universidade Federal do Espírito Santo e em demais instituições de ensino superior, explanando com alunos desses locais, sobre as narrativas de suas obras.

Angelo de Castro, é um poeta da nova geração brasileira. De origem humilde, nasceu e viveu seus primeiros anos de vida na cidade de Vitória, Esp. Santo onde estudou se formando no ensino Técnico Contábil. Contudo, trabalhou na área comercial como comerciário. Nesse tempo escreveu a maior parte de seus textos, romances, contos, crônicas, três peças de teatro, poemas e literatura infantil. Muitos foram criados inicialmente em Livros Artesanais que ao longo de anos foram vendidos em praias, ruas e parques da região metropolitana de Vitória. Morou também em São Paulo por quase dez anos onde esteve em contato com outros autores e no ano de 2018 mudou-se para Araruama RJ onde através da amizade com o poeta Manoel de Santa Maria iniciou uma coluna literária em jornal o que lhe abriria novas oportunidades na área da literatura. Hoje, com 47 anos (16 / 08 / 1973) publica seus livros e os oferece através dos meios digitais e atua ainda em praias e parques. Obras mais recentes: Os Seres /: A Morte Na Luz Da Manhã / Parem O Mundo Que Eu Quero Descer (poemas) Ele Amava As Ordinárias / A Última Carona / Os Olhos Do Vampiro (romances) Instinto De Mulher (teatro) Contos De Mistério, Terror e Suspense (contos)

Ednéia Lopes, Vitória E.S. agosto de 2023

Dedicatória:

Este livro é dedicado á memória de João Cabral de Mello Neto, a quem muito admiro e a Dias Gomes, de quem igualmente sou muito fã...

Também dedicado a Anna Luisa Moreira, grande amiga e apreciadora da arte literária.



Prefácio

O Amor, esse 'cão dos diabos', como diria o poeta, pode sim, ser uma 'tragédia-anunciada.

Mas não é o que desejamos, o que sonhamos em nosso íntimo. Queremos que o Amor nos supra em tudo. Acreditamos que por ele podemos alcançar nossas felicidades e realizar tudo que necessitamos para sermos completos. Seria perfeito, não fosse mágico, não haveria nisso nenhum defeito, se não fosse trágico!

Nesse livro, onde estão inseridas mais uma vez essas tantas constatações da vida, trago não só um romance, mas três.

São enredos distintos entre si, sim, contudo se complementam nesse maravilhoso labirinto a que nos levam os enigmas dos nossos sentimentos. No primeiro dos três romances,

A Última Carona, Clarice e Dimytre foram surpreendidos pelos desencontros do amor.

Permitiram se envolverem com os sentimentos que Anne lhes propôs, lhes impôs e assim cada um se seduziu.

Maravilhoso, não fosse dramático! Contudo, um tanto traumático.

Seria romântico se não fosse o horror. Seria profundo se não fosse tão raso.

Aceitar ao envolvimento quando as relações perdem o controle, nos levam a crer que esse amor sem limites pode ser o início de um fim, que não é alegre nem triste, que não tem respostas, é não ou simplesmente sim!

Pena que quando descobrimos tudo isso já estamos devidamente envolvidos e invadidos.

Como Clara e Dimy tentamos reagir, voar para fora de nossos ninhos, mas a vida pode sempre nos reservar surpresas.

Ter uma 'Anne' por perto, em nossa caminhada, pode ser vista de várias maneiras.

Romântica, misteriosa, egoísta, apaixonante... Bem, esse 'cão dos diabos' que é o amor, sempre vem nos surpreender!

Acredite, amor é isso.

É não saber o que lhe virá no futuro, no seu segundo seguinte e ainda assim, acreditar que a felicidade é possível.

Ao permitir chegar até onde isso é real, o leitor de A Última Carona há de se descobrir n'algum personagem desses... Assim acredito e desejo...

Na sequência, em Fogo Sobre Água, Saulo é um escritor.

Usa o codinome de Mac Gregory. Frustrado com as dificuldades que o “mundo da escrita” lhe impõe, Saulo leva uma vida de dura labuta com sua família, em Porto Seguro. Essa narrativa é baseada em um história real...

Quanto a realização de seus sonhos, as pessoas mais próximas vão lhe podando as asas enquanto podem, como acontece com muitos de nós, por exemplo.

Terá o destino reservado dias melhores para os sonhos de nosso velho amigo Mac Gregory? Ou será que Saulo vai amargar as durezas dessa vida ainda por muito tempo? Mais adiante saberemos... Traições e sentimentos forjados a fogo...

Bem, o terceiro e derradeiro romance desse primeiro volume da coleção Obras Completas – Romances é a história de Estilhaços.

Nesse romance, incorporando a personagem Evelyn Móos, busco deixar por aqui um pouco daquilo que ela buscava, ainda que inconscientemente, quando só queria paz...

Ainda assim, cada verso, cada frase, pode ser um fragmento de algum de seus poemas os quais ela tem escrito ao longo de sua trajetória e com certeza dão cores ao mundo em que essa mulher aventureira vive.

Evelyn Móos pretende nesse enredo, contar com toda simplicidade, relatos que revelam um enredo de profunda sensibilidade, diante da mediocridade humana. Toda a narrativa é feita na terceira pessoa, como se ela nos trouxesse a história vendo-a do lado de fora.

A verdade é que, sob o campo visual, há em suas palavras, uma necessidade urgente de nos contar de seus sentimentos de afeto, prazer e amor... em sua forma natural, o amor desprovido de pudores e hipocrisias... o amor de carne, suor e de toque na pele... que tanto nos faz falta, da forma que o conhecemos, há muito...

Sem jamais desmistificarmos os sentimentos e preservando os valores, abrem-se as cortinas para os olhares que deixamos desencontrar na agitação dos nossos dias, fazendo com que os prazeres mais profundos dos seres humanos se passem despercebidos em nome de nossas vaidades e preocupações...

Ah... E quão fúteis essas são...! Daí a vida estilhaçada...

O que terá vivido e sentido Eve quando buscava apenas a paz em um recanto que lhe permitisse trabalhar? Medo? Ódio? Pavor? Excitação?

Só mesmo ela saberá descrever nas linhas e entrelinhas desse enredo...

Vale dizer que o leitor encontrará neste enredo um eu lírico dramático, também sensível às imperfeições humanas.



Índice

DADOS DA OBRA pág. 02

SOBRE O AUTOR pág. 03

DEDICATÓRIA pág. 04

PREFÁCIO pág. 05

A ÚLTIMA CARONA págs. 10 a 83

FOGO SOBRE ÁGUA págs. 85 a 192

ESTILHAÇOS págs. 194 a 226

POSFÁCIO pág. 228

BIBLIOGRAFIA págs. 230 a 234



A ÚLTIMA CARONA

Cap. 1 AMIGOS, MAS NEM TANTO...

_Nunca liguei mesmo pro que falavam de mim...

_Ah... Também não, diz Anne, mas tem coisas que não dá pra se aceitar... Acho que ninguém merece.

-Bem... Procuo relevar as coisas... Senão, nem vivo, explica Dimy. Na verdade, ultimamente tenho feito muito isso.

No carro preto que Anne dirige, Dimytre liga o som.

O rapaz adora ouvir músicas, quase sempre rock, de preferência internacional. Ainda mais se for em som alto.

_Desliga isso, Dimy...

_O que?

_Desliga, meu... Ou abaixa. Desculpa, isso me perturba...

Dimy dá uma pausa na música e sorri.

_Olha só, de verdade, você também me acha chato não é?

_Por causa do som alto?

_Claro que não... Eu digo, no geral...

_Não seu bobo, claro que não. Quem tem que avaliar isso é a Clara. Pra mim, você como amigo é bacana demais...

_Ah... Às vezes acho que você fala isso só pra me agradar, porque somos amigos, é isso...

_Você é um bobo mesmo. Vou falar pra Clara que você tá mefazendo chantagem emocional...

_Ah, mais essa agora...

_Vou falar com ela: _Clarice, seu marido é um chato de galocha,mas a chantagem dele não me fizeram mudar de idéia.

Pelo asfalto da BR-101 o carro desliza. Dimy encontrou com Anne alguns quilômetros antes em um trevo próximo da entrada do distrito de Celina. Amiga dele e da esposa Claricehá anos, esperava-o na sua volta da viagem que fez á Itapina.

_Eu aposto que ela vai concordar com você...

Assim que Anne entrou no carro, Dimy lhe ofereceu a direção.Então agora o conduzia com seus cabelos esvoaçantes sendo lambidos pelo vento na janela. Não gostava de correr muito, no máximo andava a 100/ por hora.

_Que nada, você pode não acreditar, mas Clara só fala bem devocê... Pelo menos até hoje não tenho nada a dizer...

_Eu entendo... responde ele... Ela também te tem como uma grande amiga...

_Isso é bom... Olha você viu aquilo?

Enquanto outros carros passam na pista ao contrário, Anne diz a Dimy ter visto algo como uma mulher se arrastando do outro lado da estrada e sugere que voltem para verificar.

_Mas como assim? Eu não vi...

_Como não? Bem ali... Olha... De repente, ela manobra seu veículo fazendo-o voltar.

_Você não acha arriscado? Isso pode ser uma cilada...

_Que isso! Não acredito que pense assim...

Em segundos o carro com os dois estava entrando numa pequena estrada do outro lado da BR . O terreno, que era de barro, fazia com que Anne trafegasse mais lento. Parecia procurar por alguma pista...

_Eu juro que vi... E ela estava quase nua... Machucada.

_Tudo bem. Mas pra onde ela teria ido agora?.

Enquanto procura, Anne continua a seguir a estradinha mata adentro. Dimy não concorda com aquela atitude da moça.

_Anne, o que deu em você? Pode voltar...

Anne continua dirigindo agora numa parte mais estreita do caminho. Ali, no meio da mata, quase 700 metros adentro, já parece perdida. Põe o rosto pra fora a procura da mulher.

_Olha, vamos sair e procurar por ela. Mas, eu juro que vi...

_Anne, diz Dimy descendo do carro assim que ela parou, acho que você não está bem... Você não pode estar bem.....Olha pra onde viemos.Que deu em você menina?

_Calma... Só aconteceu que perdi ela de vista. Mas juro...

Anne também saiu. Dando a volta no veículo, ela caminha alguns metros mais. De repente a mulher grita pra Dimy=

_Ei Dimy, venha ver isso aqui...

_Isso o que...? Onde? Olha, Anne, acho melhor...

_Aqui... Nesse meio de mato...

O rapaz aproxima-se para conferir. Estão agora próximos de uma árvore grande e frondosa e a quase 150 metros do local onde deixaram o carro.

Dimy parece querer entender o que a mulher quer lhe mostrar...

_Aqui... Bem aqui, veja.

_Onde, amiga?

De repente, num gesto rápido Anne se vira para Dimy. A moça bonita de aproximadamente 1,75 m de altura, olhos amendoados, aparência jovial, cabelos castanhos, pele morena, 32 anos, em trajes justos e sensuais, exhibe agora para o amigo uma pistola prateada, com um silenciador na ponta.

_Anne, o que é isso? O que está fazendo, menina, abaixa isso...

_Dimy, me desculpe. Me perdoe, não é nada pessoal, ok?

_Como assim? O que está acontecendo? Que te fiz? Abaixa isso.

_Então diz que me perdoa...

_Perdoa porque ? O que tá havendo? O que é? Algum assalto? Pode levar o meu carro, olha aqui a chave. O que mais você quer? Pega a chave, mas me deixa... Eu juro que ...

_Olha aqui Dimy, diz Anne se aproximando e encostando a arma no rosto do homem. Vou te dizer uma coisa. Eu podia até te deixar vivo, mas como eu conheço você, sei que não vai funcionar... Então, comece a rezar que esses são seus ...

_Mas... porquê? O que te fiz, sempre fomos amigos!

A voz de Dimytre estava trêmula e ele começou a implorar pela vida quando Anne confessou:

_Isso aqui, seu corno, é pela Clara...

_Isto aqui, seu corno, é pela Clara. Não só porque você bateu, espancou ela... E ela nem sabe disso... Isto aqui é porque eu me apaixonei por ela, desde a primeira vez que você bateu nela...

_Você... Pára com isso, tá ficando maluca, Anne?

_Eu mesma, seu corno imundo. Achei legal você saber antes de morrer. Era comigo que ela estava ontem... e todas as tardes.... Fui eu que deixei as costas dela arranhada..... Seu corno! E abaixe as mãos quando falo com você! Não é assim que você fala com ela? Pois agora você vai ficar aqui apodrecendo e eu vou viver livre com ela... E vamos ser felizes..... E olha que ela nem sabe nada disso! Abaixar as mãos seu corno, filho-da-égua.

Dimytre está trêmulo. Em segundos ele abaixa as mãos. Nesse momento ele sente uma bala atravessar o seu cérebro e cai.

_Sinto muito, diz Anne vendo o corpo dele caído. Os olhos dela ainda estão abertos ela sorri e diz:

_Sinto muito, corno filho-da-égua... Foi você quem pediu isso... Seu chato.....Inútil! Machista! Toma, porra! E atirou de novo.

Anne tratou de sair logo dali. De volta ao carro, pegou sua bolsa. Nela guardou sua pistola enrolada em uma flanela..

Depois parou pensando por uns instantes. Tinha até então a intenção de pôr fogo no corpo de Dimy dentro do porta-malas, mas não quis desperdiçar o carro.

Por outro lado, poderia chamar a atenção de alguém se colocasse fogo ali no meio da mata. Mudando de planos, resolveu sair logo dali salvando o carro e deixando o corpo do homem a cargo dos urubus ou dos cachorros-do-mato que eram muitos por ali.

Cap 2 UM ROCK PARA MATAR

Talvez uma onça, como tantas que existiam rondando os sítios da região o achassem e matassem sua fome. Sim, Dimy era um rapaz forte, alto e seu corpo poderia alimentar uma pequena família de onças com ao menos uns dois filhotes, pensou Anne.

_Que pena, tinha um belo rosto, mas não mais agora...

Saindo de volta ao começo da estrada, onde encontrava a BR, ela pára afim de olhar para um lado e outro. Espera passarem pelo menos três carros que vinham na direção contrária e só então ela ganha o asfalto de novo.

Acelerando, Anne viaja de volta no sentido da cidade de Acioly.

Está tranquila e prefere trafegar em velocidade regular para não ser parada por excesso de velocidade nem também ser multada.

No som do carro que agora ela liga, a batida do rock como Dimy deixou.

_Porco imundo... E que mal gosto....

Anne procura uma estação de rádio e sintoniza numa música que ela ouve e canta. Está agora no distrito de Santo Afonso, indo pra casa de Clara. Minutos depois, estacionando o carro em um posto de lava-jato, deixou-o pra lavar.

_Santo Deus, porque da demora, mulher?

_Ah menina, Dimy precisou antes ir no sítio em Acioly, só agora foi me buscar lá em Celina.

_Nossa, e porquê ele não atende? Estou ligando há horas. O está desligado ou descarregou a bateria do celular dele...

_Talvez seja isso, mas você mesma diz que lá no sítio de vocês não pega o sinal de celular...

_Sim, verdade... É que... bem... Tem razão... O Dimy está sempre tão estranho... não é mesmo?

_Ele voltou comigo até Acioly onde deixei ele e me pediu que trouxesse o carro. Deixei no lava-jato. Ele voltou pro sítio, parece que um cavalo está com a pata machucada.

_Cavalos... Os animais sempre mais importante que eu...

Clarice era uma mulher ainda mais alegre que agora anos antes quando conheceu Dimy em uma faculdade da cidade. O estranho é que agora, a três anos de relacionamento, por mais que ela se apegasse a ele, seus sentimentos estavam esfriando. Se sentia magoada e aos poucos envolvida com a melhor amiga. Há pelos menos 10 anos conhecera Anne assim que essa se mudara pra ali, vinda da capital, mas só agora cedera as suas investidas amorosas.

Assim como Anne, Clara, dois anos mais nova, tem uma aparência jovial, extremamente sensual.

A pele morena e os cabelos pretos cacheados,

olhos negros que combinam com a doçura com a qual pronuncia cada palavra. Sua sensualidade e delicadeza atraem a todos.

_Bem, minha querida, agora cabe a nós aproveitarmos, não?

_Sim, claro... E foi fechar a porta da cozinha. Anne a beijou.

_Já estava louca pra te ver, diz Anne tirando sua roupa na sala.

O que acontecera na vida de Clarice, ela tentava justificar com a carência com a qual vivia mesmo tendo até então a presença constante dele por perto. Sabia que ele não confiava nela e por isso a vigiava.

Não tinham filhos, talvez por algum fator biológico de um dos dois, mas tudo colaborava para se sentir oprimida pelo homem que um dia amou e agora não a deixava respirar

Sua melhor amiga e confidente aos poucos se aproximava cada vez mais... E mais...

Após meses de separação de seu marido que ficara na capital com seu casal de filhos gêmeos por criar, Anne resolveu permitir que seu desejo por mulheres se afluísse ainda mais até o ponto de começar a investir nos sentimentos de Clarice.

Há mais de um ano, quase dois pra ser mais exato, as amigas vinham se relacionando sem levantar suspeitas de Dimy que enxergava nas duas uma linda amizade. Suspeitava ele no entanto que Clara tivesse um amante, um homem com o qual traía. Assim, com o tempo as brigas passaram a ser mais frequentes.

Apesar de tudo, Anne nunca imaginou que o marido de nada suspeitasse.

_Eu penso em um novo começo de vida, diz Clarice a Anne.

_Que bom... Porquê também penso o mesmo, mas com você.

_Gosto do Dimy, não vou negar, mas ele é muito imaturo, e temos praticamente a mesma idade. Sei lá... Ele não vai mudar.

_Claro que não... Pense bem, se ele soubesse que estamos aqui na cama... É mais fácil ele pensar que você tem outro homem...

_Verdade, sorri Clarice. Então vamos aproveitar. E se beijaram.

_Ah... Na verdade também gosto do Di, brinca Anne. Ele pode ser chatinho, mas tem bom gosto. E voltam a rir e se beijam.

Pelo resto daquela tarde e noite seguinte ficaram a se deliciar uma da outra enquanto Dimy se decompunha. Anne deixou pra buscar o carro á noite. Ali mesmo na casa de Clara dormiu.

O relacionamento á distância de Gerald e Anne durou pelo menos dois anos, até que resolveram alugar uma casa em Vitória e conviverem juntos. A partir daí viveram juntos mais cinco anos, tempo em que tiveram os gêmeos Andrei e Andressa. Foi nesse período que descobriram que a convivência debaixo de um mesmo teto não era em nada parecida com o que se acostumaram enquanto namoravam através da internet.

Esses desgastes fizeram com que Anne desenvolvesse o desejo por novas situações, novas experiências.

Não imaginava, contudo, que logo estaria se envolvendo com Clarice. Essa nunca demonstrou interesse sexual por mulher, mas a carência de ambas as aproximou de uma forma que as levou para a cama. Assim estavam satisfazendo seus desejos.

Da mesma forma, para Clara agora aquilo era como uma vingança aos maus tratos e desmandos de Dimy.

No entanto ainda diziam se gostar.

Não o amava mais como de início, mas mantinha a esperança de reaver um dia aquele sentimento.

Possivelmente assim tentaria viver ainda com ele, mas mantendo um relacionamento paralelo com sua amante Anne.

Acontece que, Anne era simplesmente egoísta e nutria ciúmes pela amada.

Apesar disso, procurava não demonstrar.

Mantinha o controle pois não queria que por um vacilo perdesse Clarice como parceira.

Sabendo que a mulher de Dimy não tinha intenção de deixá-lo ainda naquele momento, planejava um plano de tirá-lo do caminho de forma definitiva, mas agora pensando consigo mesma, tê-lo liquidado á beira de uma estrada, poderia ter sido um ato de loucura e de desespero.

Sabia que jamais Clara iria compactuar com aquilo.

Teria agora que manter-se controlada para evitar o pior.

_Égua... disse ela quando saia para o trabalho na manhã do dia seguinte.

Estava a mesa e de repente derrubara sua xícara de café. Clara veio a ajudar.

_Troque sua blusa. Deixa isso comigo.

_Vou trocar sim, amor.

_Ah...

_E o Dimy?

_Cadê?

_Nada...

_Deve aparecer mais tarde.

_Como sempre, imprevisível.

_Que coisa...